



Lourival Sant'Anna carta@lourivalsantanna.com

O gosto amargo da decisão de Biden

A pressão de Joe Biden contra a condução da guerra por Binyamin Netanyahu chegou ao clímax com a suspensão do fornecimento de armas para Israel. O impacto não é militar, mas político. Paradoxalmente, pode ser negativo para o presidente dos EUA e positivo para o primeiro-ministro de Israel.

Os EUA reteram um cargueiro com 1.800 bombas de 906 kg e 1.700 de 226 kg destinadas a Israel. No dia seguinte, Biden disse à TV CNN que, se Israel levasse adiante a ofensiva contra Rafah, ele suspenderia o envio de armas que o país emprega em operações como essa: "Civis têm sido mortos em Gaza como consequência dessas bombas e outras formas pelas quais eles atacam concentrações populacionais".

Os EUA destinam US\$ 3,8 bilhões por ano em ajuda militar a Israel. Ao longo de décadas, a média foi de US\$ 3 bilhões. Em 2016, no último ano do governo Barack Obama, do qual Biden era vice, o Congresso aprovou proposta da Casa Branca de destinar US\$ 38 bilhões a Israel entre 2019 e 2028.

Além disso, depois dos ataques do Hamas no dia 7 de outubro, os EUA enviaram os porta-aviões USS Gerald R. Ford, o maior do mundo, com seu grupo de batalha, assim como mísseis Patriot para reposição do sistema de defesa Domo de Ferro e munição de artilharia.

A última vez em que os Estados Unidos suspenderam aju-

da militar a Israel foi no governo do republicano Ronald Reagan, durante a invasão israelense do Líbano, em 1982. A legislação americana proíbe o fornecimento de armas para países que violam a lei internacional, na forma de crimes de guerra e de bloqueio de ajuda humanitária. Israel faz as duas coisas.

VIOLAÇÕES. Relatório do Departamento de Estado divulgado na sexta-feira considera "razoável avaliar" que armamento enviado pelos EUA "tenha sido usado pelas forças israelenses desde 7 de outubro de forma inconsistente com suas obrigações perante a lei humanitária internacional ou com boas práticas estabelecidas para mitigar dano civil".

A avaliação não é conclusiva "dada a natureza do conflito em Gaza, com o Hamas buscando se esconder atrás de populações e infraestrutura civis e expô-las à ação militar israelense, assim como a falta de pessoal do governo dos EUA no terreno em Gaza".

Congressistas da oposição republicana criticaram a decisão de Biden, exigindo que os EUA ajudem Israel a se defender da forma que considerar necessário. A seis meses das eleições, o tema demanda um complexo cálculo político.

De um lado, Biden arrisca perder o voto do eleitorado independente e conservador moderado, que tende a simpatizar com Israel. Esse é o grupo que normalmente decide a eleição.



Palestinos vítimas dos bombardeios de Israel na cidade de Rafah

População palestina e reféns israelenses continuarão sofrendo as consequências das decisões políticas

De outro, Biden tem sentido as fraturas em seu próprio eleitorado mais à esquerda, indignado com a morte de dezenas de milhares de civis em Gaza.

As críticas parecem ter peso. Na quinta-feira, a Casa Branca informou que ainda não havia tomado decisão sobre o envio de armas. O comunicado afirma que Biden instruiu sua equipe a "continuar cooperando com Israel para infligir uma duradoura derrota" ao Hamas. E pondera que os EUA ofereceram a Israel várias alternativas de ataques aos

combatentes do grupo.

Netanyahu, de sua parte, procurou extrair o máximo benefício político da situação. "Se tivermos de ficar de pé sozinhos, ficaremos", dramatizou ele em um vídeo gravado. "Se tivermos de lutar com nossas unhas, vamos lutar. Mas temos bem mais que unhas."

ARMAMENTO. Bombas de alta carga explosiva têm pouca utilidade no teatro de operações de Rafah, onde 1 milhão de palestinos se concentram. Israel tem uma das Forças Armadas mais bem equipadas e treinadas do mundo. O almirante Daniel Hagari, porta-voz das Forças de Defesa de Israel, assegurou que o país tem as "armas necessárias" para as operações planejadas, "incluindo Rafah".

A suspensão do envio de armas pelos EUA proporcionou a

Netanyahu um espaço de apoio interno, ao desencadear uma reação instintiva, de abandono, união e autodefesa, forjada na história de perseguições contra o povo judeico.

"A ameaça de Biden é profundamente equivocada", disse à CNN o ex-primeiro-ministro Naftali Bennet, do Partido Nova Direita, que faz oposição a Netanyahu. "O embargo parcial manda uma mensagem muito ruim para Yahya Sinwar, porque ele vai achar que não precisa fazer acordo com Israel", continuou, referindo-se ao líder do Hamas na Faixa de Gaza. "Os inimigos vão achar que é um bom momento para atacar porque Israel não tem armas suficientes."

O ministro da Segurança Nacional de Israel, Itamar Ben-Gvir, foi mais longe: "O Hamas ama Biden", tuitou, usando o emoji do coração. O tuíte foi criticado por Bennet e pelo presidente Isaac Herzog. Ben-Gvir e o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, pressionam pelo emprego de força total contra os palestinos e condenam negociações com o Hamas.

Juntos, eles controlam 14 cadeiras no Parlamento. O governo tem maioria de apenas 4. Netanyahu não pode deixar de atender a seus ministros radicais. O momento é de saborear o "abandono" de Biden. A população palestina e os reféns israelenses continuarão sofrendo as consequências. ●

É COLUNISTA DO ESTADO DE S. PAULO DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Guerra em Gaza

Relatório americano critica Israel por condução da guerra

WASHINGTON

O Departamento de Estado americano publicou um aguardado relatório que indica que Israel, "provavelmente", violou o direito internacional humanitário ao usar armas fabricadas pelos EUA na guerra em Gaza. Segundo o documento, no entanto, as condições da guerra impedem que os analistas determinem com certeza se houve de fato violações.

O relatório foi apresentado dois dias depois que o presidente dos EUA, Joe Biden, suspendeu o envio de 3,5 mil bombas e ameaçou reter a entrega de outros armamentos se Israel prosseguir com seus planos de ataque total a Rafah, on-

de vivem mais de um milhão de refugiados palestinos.

O conteúdo do documento, no entanto, é bastante ambíguo – assim como tem sido a política externa de Biden. O texto afirma também que o governo americano obteve garantias israelenses "críveis e confiáveis" de que usará as armas dos EUA de acordo com o direito humanitário internacional.

Este trecho é importante, porque permite a continuidade da transferência de outras armas e de ajuda americana em meio à guerra de Israel com o Hamas em Gaza. Segundo a Casa Branca, o relatório também não muda a decisão de Biden de suspender o envio de bombas americanas para os israelenses.

Os críticos de Israel, no entanto, realçaram a parte do texto que constata "evidências razoáveis" para concluir que os israelenses violaram a lei internacional de proteção aos civis na forma como vem conduzindo sua guerra contra o Hamas.

Inconclusivo
Documento apresentado pelo Departamento de Estado é ambíguo, como a política externa de Biden

A avaliação do Departamento de Estado foi uma exigência dos congressistas democratas e ocorre após sete meses de ataques aéreos, combates terrestres e restrições de ajuda

que custaram a vida de quase 35 mil palestinos, a maioria mulheres e crianças.

"As Forças Armadas de Israel têm a experiência, a tecnologia e o know-how para minimizar os danos aos civis, mas os resultados em campo, incluindo os altos níveis de vítimas civis, levantam questões substanciais sobre se eles estão usando as armas de forma eficaz em todos os casos", afirma o relatório.

CRÍTICAS. Ativistas dos direitos humanos e uma análise feita por um painel não oficial de ex-oficiais militares e do Estado, especialistas acadêmicos e agentes de inteligência apontaram mais de uma dúzia de ataques aéreos israelenses para os quais, segundo eles, havia evidências confiáveis de violações das leis de guerra e do direito humanitário.

Os alvos incluíam comboios de ajuda, profissionais da área médica, hospitais, jornalistas, escolas e centros de refugiados e outros locais que têm ampla proteção de acordo

com o direito internacional. Eles argumentaram que o número de mortes em muitos ataques em Gaza – como o bombardeio de um prédio de apartamentos que teria matado 106 civis, em 31 de outubro – foi desproporcional ao valor de qualquer alvo militar.

Israel afirma que está seguindo todas as leis internacionais e dos EUA, garante que investiga as alegações de abuso por parte de suas forças de segurança e diz que sua campanha em Gaza é proporcional à ameaça existencial representada pelo Hamas, que começou o conflito ao invadir o país, no dia 7 de outubro, matar 1,2 mil pessoas e sequestrar outras 240.

O deputado republicano Michael McCaul, presidente do Comitê de Relações Exteriores da Câmara dos EUA, disse que o relatório "só contribui para o sentimento anti-Israel" e nunca deveria ter sido feito. "Agora é hora de apoiar Israel e garantir que ele tenha as ferramentas de que precisa", disse. ● AP